

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENSINO NAS ESCOLAS PROFISSIONAIS

Victor M.M. Lobo*

Em recentes artigos intitulados "A Albanização do Ensino em Portugal" e "Algumas Ineficiências do Ensino em Portugal", foquei duas vertentes que levam à ineficiência do ensino. Focaria agora outra, que se prende com o "ensino profissional" que deveria ser importantíssimo na preparação de técnicos práticos.

Há hoje escolas profissionais que admitem alunos depois do 9º ano e lhes dão, em 3 anos, cursos de mecânica, de agricultura, de hotelaria, etc. São, sem dúvida, da maior importância, e pessoas assim treinadas dão uma contribuição para a sociedade tão útil como médicos, advogados, engenheiros, etc. Só que, em alguns casos pelo menos, há a preocupação de "ao mesmo tempo" que dão tal preparação profissional, darem também, formalmente, "habilitação" para os alunos entrarem no ensino superior. Argumentam os responsáveis que se não inscreverem no curriculum disciplinas "académicas" do 10º, 11º e 12º anos, não têm "paralelismo pedagógico", e os pais (sempre desejosos que os filhos ainda tentem entrar para a universidade) não colocam lá os seus filhos. Resultado: não adquirem a devida formação profissional e, embora formalmente possam entrar na universidade, estão mal preparados para prosseguir tal via. Infelizmente poderia dar casos concretos de jovens que desta maneira têm hoje graves problemas.

Deveria ser tornado bem claro para os alunos e seus pais que haveria que optar pelo ramo académico (chamado "via do ensino") ou pelo ramo profissional, igualmente honroso (e até conducente a melhores ordenados). Só que, então haveria que dar um verdadeiro ensino profissional, centrado em aulas práticas da profissão em causa (mecânico, canalizador, construtor, etc.), e não em aulas teóricas inúteis para alunos com um perfil virado para a vida prática. A via profissional deveria ser logo a partir do 7º ano de escolaridade. Assim, logo nos 7º, 8º e 9º anos os alunos teriam livre escolha de disciplinas (académicas e profissionais) e de acordo com a sua maneira de ser. A partir do 10º ano, os que optassem pela via profissional teriam fundamentalmente disciplinas profissionais, com grande ênfase para a disciplina da profissão escolhida (e.g. mecânico, cozinheiro, cabeleireiro, etc.).

Seria bom que o ensino profissional fosse nas mesmas escolas do ensino "académico". Neste contexto, utilizo o vocábulo "académico" para indicar o conhecimento com base nas tradicionais letras e ciências e os cursos universitários que daí derivam, tais como medicina, direito, engenharias, etc. Utilizo o vocábulo "profissional" (eu prefiro "vocacional") para indicar o conhecimento (muitíssimo útil) com base na capacidade manual e técnica tradicionalmente dado em escolas industriais, e agora, em princípio, dado nas escolas chamadas "profissionais".

Numa dada reunião de um Conselho de Escola duma destas escolas profissionais foi-nos dado para aprovação o currículo de um curso de cinofilia. Expressando a minha discordância pela enorme carga de cadeiras "académicas", procurei mostrar o ridículo de a escolaridade para física e química ser maior que a escolaridade da disciplina de cinofilia, o objectivo central do curso ! Para quê dar mais química (além dos 2 anos que já tiveram) para quem vai para um curso para aprender a treinar cães ? Claro que no final dos 3 anos, nem vão ficar a saber treinar devidamente os cães, nem aprendem a matemática, física, química, biologia, etc., necessárias para entrar na Universidade. Mas o tipo de directivas estipuladas superiormente conduz a esta lamentável situação.

É evidente que qualquer pessoa, nomeadamente alunos que estivessem a frequentar escolas profissionais, poderiam apresentar-se aos exames que dariam acesso ao ensino superior. Se fossem aprovados, entrariam, independentemente do modo como adquiriram tais conhecimentos. Podiam ter estudado por si sós, com recurso a métodos audiovisuais, com ajuda de outras pessoas, etc. Agora, a via profissional é que não tem de ter a preocupação de dar ensino académico.

*Professor Catedrático da Universidade de Coimbra; membro do Conselho Nacional de Educação; responsável por estágios pedagógicos para o ensino secundário, o que envolve ir lá ouvir aulas; faz parte do Conselho de Escola de uma Escola Profissional.

E-mail <fcqmvmmml@gemini.ci.uc.pt>